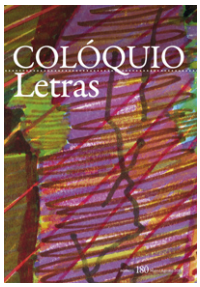

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Benedito Nunes : literatura e filosofia, de Belém do Pará

Kenneth David Jackson

Para citar este documento / To cite this document:

Kenneth David Jackson, "Benedito Nunes : literatura e filosofia, de Belém do Pará", *Colóquio/Letras*, n.º 180, Maio 2012, p. 89-100.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Benedito Nunes: literatura e filosofia, de Belém do Pará

Kenneth David Jackson

O FILÓSOFO, ENSAÍSTA, PROFESSOR e intelectual paraense Benedito Nunes (Belém do Pará, 27-XI-1929–27-II-2011), denominado «iluminista dos trópicos», na feliz expressão do romancista amazonense Milton Hatoum, e «fazedor de rumos» por centenas de colegas que contribuíram para um volume de homenagem, foi um dos mais respeitados pensadores e críticos brasileiros do nosso tempo. Antonio Candido considerou-o um «intelectual exemplar... em todos os sentidos», citando a grande inteligência e a originalidade de pensamento[1]. Na opinião de todos os que o conheciam, era um perfeito *scholar*, bondoso e generoso, dedicado a uma vida filosófica; didático no sentido de *public intellectual,* cujos ensaios publicados em livro ou impressos nos suplementos literários dos grandes jornais foram sempre apreciados pela qualidade e rigor de pensamento; pedagogo decisivo na formação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará; pensador que seguiu novas perspetivas sobre a relação entre ideias, letras e artes. Benedito Nunes identificou-se como «um autodidata e eterno aprendiz, sempre em busca de novos olhares»[2]. Impressionou tanto pelas qualidades humanas quanto pela dedicação a uma vida de ideias e artes. «O que o distinguia da maioria dos filósofos», escreveu Lúcio Flávio Pinto, «era que, sendo essencialmente um pensador, Benedito se espalhava pela literatura, a estética, a história e as coisas triviais da vida. O brilho de curiosidade e atenção nos seus olhos não mirava apenas as ciências: tinha um foco sensível sobre todas as coisas humanas, incluindo as de domínio popular, como a música ou a televisão. Sem excluir os *faits-divers* que alimentam a boa fofoca, os divertidos detalhes e *divertissements*. O mundanismo feito por pessoas de carne e osso, como ele.»[3] As palavras que Benedito Nunes dedicou ao conceituado bibliófilo José Mindlin, falecido um ano antes, em 28 de fevereiro de 2010, aos 96 anos, adequam-se igualmente a ele: «É uma das pessoas que podem ser incluídas em uma pequena lista de pensadores brasileiros. Um filósofo e, principalmente, um pensador. Mas é, também, uma

das poucas pessoas que podem ser qualificadas como sábio. Tem preparo profissional, experiência de vida e visão política do que o Brasil é e do que deveria ser. E, além de tudo, tem um preparo humanista muito grande.»[4] Acrescenta-se que, como Mindlin, Benedito Nunes teve uma formação e vida por meio da leitura, passada entre livros. Levou uma vida filosófica de leitura e pesquisa entre os cinco mil volumes da sua torre de livros: «Sou irremediavelmente livresco», afirmou[5]. Nos livros e ensaios de crítica literária, tratou de autores centrais do seu tempo — Pessoa, Clarice, Oswald de Andrade, João Cabral, Guimarães Rosa — com estudos magistrais que estão na raiz da nossa compreensão da construção das obras respetivas, com atenção ao seu conteúdo poético-filosófico.

Benedito Nunes deixou uma vasta obra orientada pela relação entre a filosofia e a literatura, seu tema predileto e característico da sua obra, cuja originalidade se centra nos laços que estabelece entre conceitos de filosofia, estética e crítica literária: «Há uma ligação óbvia porque a filosofia comporta a literatura. A filosofia é geralmente um texto corrido, em geral narrativo, e por aí se aproxima da literatura. Acontece que muitos filósofos também foram escritores bons. Platão foi um escritor maravilhoso, Heidegger também escreveu muito bem.»[6] Segundo Candido, Benedito Nunes «se tornou um grande crítico literário, sendo, ao mesmo tempo, filósofo. É raríssimo. Quer dizer, o filósofo traz para a literatura o nível de reflexão e de abstração que os críticos geralmente não trazem; ele leva para a filosofia um sentimento estético e um senso de beleza que os pensadores nem sempre têm.»[7] Foi essa amplitude de perspetiva, de formação e atuação, talvez, que levou a escritora Clarice Lispector a observar, num encontro em Belém: «Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é.»[8] No ensaio autobiográfico «Meu Caminho na Crítica»[9], Benedito Nunes explica que não se trata de um duplo, «crítico literário por um lado e filósofo por outro,» mas de um hibridismo de dois domínios interligados: «Não pretendi e nem pretendo aplicar a filosofia como método uniforme ao conhecimento da literatura, nem fazer da literatura um instrumento de ilustração da filosofia ou uma figuração de verdades filosóficas.» Encontra a ligação principal na linguagem, tanto de fonte clássica quanto da moderna linguística estrutural («É que ambas só existem em obras de linguagem, o que significa que só existem operativamente ou poeticamente, no sentido originário da palavra grega *poiesis*»)[10], no seu poder expressivo e poético de dizer o indizível, para além da função de formação de significados. Enraíza o seu modo crítico na interatividade das duas esferas: «É o fato de que, nessa conexão recíproca, a filosofia faz da obra literária como tal objeto de sua indagação (o que ela é, ao que visa, qual a sua estrutura) e a obra, por sua vez, reverte sobre a filosofia, da qual, ela, obra, se faz, como poética, a instância concreta, reveladora (ou desveladora) das imaginariamente abstratas indaga-

ções filosóficas. Eis, em resumo, o procedimento geral que tenho seguido.»[11] Reconhece que os livros que pertencem ao mesmo tempo à literatura e à filosofia ocidental são difíceis de enquadrar: o termo que aplica ao ensaio de Unamuno sobre *Dom Quixote*, «colóquio amoroso», poderia igualmente servir como descrição do método de alguns dos seus ensaios teóricos[12].

Além da sua presença nos conceituados suplementos literários, Benedito Nunes foi sempre procurado como professor e conferencista, convidado pelos grandes centros urbanos e académicos para cursos ou conferências, onde desde a década de 1970 existem teses de doutoramento dedicadas à sua obra e orientação crítica. Como ensaísta, contribuiu em épocas diferentes com quatro estudos para a *Colóquio/Letras*: «Poesia e Filosofia na Obra de Fernando Pessoa» (20); «Haroldo Maranhão: Uma Microscopia da Poesia» (65); «Clarice Lispector ou o Naufrágio da Introspecção» (70) e «João Cabral: Filosofia e Poesia» (157-158). O ensaio pessoano saiu novamente nos *Cadernos da Colóquio/Letras*, 2. *Modernismo e Vanguarda* (1984). No Brasil, colaborou regularmente nos suplementos literários de *A Província do Pará* (1956-57), *Jornal do Brasil* (1956-61), *Estado de São Paulo* (1959-82), *Estado de Minas Gerais* (1963-74) e *Folha de S. Paulo* (1971-2006). Apareceu internacionalmente no *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, *Bulletin de l'Institute d'Études Portugaises et brésiliennes de la Sorbonne*, *Rivista di Filosofia e di Cultura*, *Anthropos*, *Revista de Cultura Brasileña*, *The Review of Contemporary Fiction*, *Cuadernos Hispanoamericanos*, além de livros de referência (*The Cambridge History of Latin American Literature*) e coleções de ensaios tais como *Brasilianische Literatur* (Frankfurt), *Surréalisme périphérique* (Montreal), *La reducción sociológica* (México), *Anthropophagy Today?* (Stanford) e *One Hundred Years of Invention: Oswald de Andrade and the Modern Tradition in Latin American Literature* (Austin). Durante quarenta anos colaborou intensivamente em dezenas de livros de ensaios organizados sobre temas diversos relacionados com a literatura e a filosofia.

Não obstante os constantes convites, preferiu morar em Belém, sua cidade natal, na casa-horta-biblioteca-sala de música da Travessa da Estrela, mantendo na Amazónia o seu perfil de intelectual reconhecido nacional e internacionalmente. Os laços de família, de cultura e de intelecto que mantém com Belém evidenciam-se por meio do ensaio «Belém: Cultural Center», publicado em *Literary Cultures of Latin America: A Comparative History* (Oxford, 2004) e no livro a quatro mãos, com o romancista Milton Hatoum, *Crônica de Duas Cidades: Belém e Manaus* (2006). Sem conhecer Belém, e Belém antiga, é impossível apreciá-lo plenamente, entender a singularidade do seu trajeto académico ou da sua vida dedicada às artes, literaturas e viagens. No prefácio de *A Clave do Poético*, Leyla Perrone-Moisés evoca a figura de Benedito Nunes como «tesouro nacional, guardado na Amazônia há décadas»[13]. Quando das

minhas visitas quase anuais à Travessa da Estrela, acompanhei-o nos passeios que dava pelo bairro de Marco, todas as manhãs, por motivos de saúde; parava sempre para conversar com o vendedor de frutas, o dono da banca de jornal e para comprar algum doce caseiro, antes de voltar para as horas de leitura e estudo. Era tão interessante para o Bené, como era chamado, anotar os vocábulos empregados por um piloto de barco no Rio Amazonas, numa viagem que fizemos a Óbidos, como assistir a uma ópera no Theatro da Paz, precioso teatro de 1887, hoje cuidadosamente restaurado. Nesse sentido, a casa-biblioteca-arquivo-jardim onde vivia e trabalhava era também centro de apoio, aberto a alunos e colegas para o estudo e convívio intelectual e artístico, fora das horas do grande calor e das chuvas torrenciais, da sesta dormida em rede, depois do almoço até umas 4 ou 5 horas da tarde. Uma conversa com Benedito Nunes ficava na memória, como atesta Lúcio Flávio Pinto: «Uma simples conversa com Benedito já marcava e transformava. Quando o interlocutor exibia dotes de criador, ele se realizava na tarefa de tornar conscientes esses dons, ajudando o criador a manejar melhor suas próprias virtudes. Era assim que Benedito exercia a condição de professor, de mestre.»[14] Na companhia da dedicada esposa, a professora de teatro Maria Sylvia, semanalmente recebiam os amigos em casa à noite para programas de ópera, música ou filme. Sempre interessados na representação, colaboraram em 1958 na primeira encenação de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, no 1.º Festival Nacional de Teatro Amador, no Recife.

O autodidatismo de Benedito Nunes começara com a primeira estante de livros de que dispunha em sua casa, constando de Eça de Queirós, entre clássicos brasileiros e mundiais, de Machado de Assis a Shakespeare e Dante. Considera que foi criado «à sombra dessa estante...», afirmando que «cedo entrei no círculo bibliográfico infinito, o único e verdadeiro moto perpétuo que conheço»[15]. Recebeu nos anos de formação o generoso apoio e estímulo de muitos familiares e mestres, que na maturidade Benedito Nunes ofereceria à nova geração. O tio paterno Carlos Alberto Nunes era grande humanista, tradutor para português da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, e da obra completa de Platão. Enviava-lhe romances e tratados de filosofia, doando a partir de 1954 a sua notável coleção platoniana à Faculdade de Filosofia. De 1973 a 1980 Benedito Nunes coordenou a edição da obra completa de Platão em 11 volumes, editados pela Universidade Federal do Pará e há muito esgotados, contribuindo com um estudo sobre a *República*.

Ao lado dos companheiros mais chegados — Max Martins, Mário Faustino e Haroldo Maranhão —, pertence a uma geração que lutou para implantar a modernidade literária em Belém. Por meio do *Suplemento* do jornal *Folha do Norte*, coordenado por Haroldo Maranhão na década de 1940, contribuiu com as suas «Confissões do Solitário» — aforismos nietzschianos, esboço

do seu futuro caminho filosófico — e revelou poetas modernistas de várias nacionalidades. Formado em Direito (1952), ano em que se casou com Maria Sylvia — a grande companheira na vida, nas artes e nas viagens —, numa época em que não havia Faculdades de Filosofia, concentrou os estudos em filosofia e letras, que seguiu fielmente como escritor e professor: «Minha formação filosófica deu-se por um autodidatismo sistemático e metódico... lia Hegel durante meses, toda a *Fenomenologia do Espírito,* a *Filosofia da História*, etc. Passava em seguida para Husserl, lia as *Ideias para Uma Filosofia Fenomenológica*, as *Investigações Lógicas*... Eu ia anotando tudo em cadernos. Também li sistematicamente Heidegger.»[16] Recomendaria aos alunos a constante leitura de textos de filosofia: «Começando como conhecimento do mundo, todo afazer filosófico, graças ao poder da leitura das obras-fonte, nos quais se concretiza, e que reclama o agir, tende a terminar como ética, como orientação prática da vida.» Orientado pela crise da metafísica, que conheceu com a leitura enquanto jovem de Miguel de Unamuno, *Do Sentimento Trágico da Vida*, começou as suas investigações estético-filosóficas sobre a natureza da realidade e a função da *poiesis*. A concisão e a clareza dos seus ensaios críticos e didáticos têm muito a ver com a anotação e leitura sistemática da filosofia moderna, desde os românticos alemães até Wittgenstein. Sintetiza essas dimensões no livro *Passagem para o Poético: Filosofia e Poesia em Heidegger* (1986), vencedor do Prémio Jabuti, depois de um longo aprendizado na crítica literária e estética.

Outro «círculo eterno» da sua atuação eram as viagens de Belém para a Europa ou para os Estados Unidos, seja por convite de universidades estrangeiras, seja com a bolsa da Fundação Guggenheim atribuída em 1969-70, em que atuou como influente «intérprete do Brasil», no sentido do título dos importantes compêndios coordenados por Silviano Santiago[17]. Da mesma maneira, teve papel importante ao apresentar a leitores brasileiros as principais correntes filosóficas vindas da Europa. Vemo-lo na capa do pequeno volume *Dois Ensaios e Duas lembranças* (2000), na belíssima foto de Rosário Lima, sentado num degrau da Biblioteca Nacional de Paris, com a escadaria e os prédios elevando-se ao fundo, dois monumentais repositórios do saber, o filósofo sem chapéu, e com uma expressão de felicidade, frente ao grande arquivo da nação francesa. Na frase jocosa de Haroldo de Campos, Benedito Nunes era de «Belém de Paris», frase que lembra o prédio icónico da cidade, «Paris n'América», cópia *belle époque* da Galerie Lafayette, que por sua vez denuncia a dupla orientação da intelectualidade paraense, virada ou para o interior amazonense ou para a herança artística e cultural vinda da Europa. Em 1960, numa primeira estada em Paris, Benedito Nunes estudou na Sorbonne, com Paul Ricœur, e no Collège de France, com Merleau-Ponty. Entre 1967 e 1969 frequentou o curso de pós-graduação, terceiro ciclo, no

Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne, sob a orientação de Léon Bourdon. Convidado por Jean-Michel Massa, Benedito Nunes voltaria à Universidade de Rennes 2, em 1983, como professor visitante, e daí em diante, com Maria Sylvia, continuaria as visitas quase anuais a Paris. Em 1981 Benedito Nunes foi convidado pela Universidade do Texas, em Austin, onde eu era professor, como Edward Laroque Tinker Visiting Professor, dividindo o ano com Haroldo de Campos. No breve intervalo em que permaneciam ambos na cidade, ministraram juntos um seminário de literatura brasileira, marcando não apenas um acontecimento épico mas também o começo de uma colaboração filosófico-poética (veja-se o ensaio «Encontro em Austin»). Benedito Nunes apreciava a informalidade texana, onde podia dar aulas de ténis e sem gravata. Voltaria à América do Norte como professor visitante nas Universidades de Vanderbilt e California-Berkeley, além de participar em congressos nas Universidades de Yale, Stanford e Montreal. Teve um papel importante na divulgação da literatura brasileira no exterior com o ensaio «Historiografia Literária do Brasil», publicado em inglês como introdução ao livro de referência *Cambridge History of Latin American Literature*, vol. 3, dedicado ao Brasil. E em Montreal, no ensaio «Anthropophagisme et Surréalisme», traduziu para o francês o «Manifesto Antropófago», de Oswald de Andrade, com notas imprescindíveis, aproveitadas em subsequentes traduções para outras línguas.

Em 1949 publicou o primeiro ensaio de crítica literária, propriamente dito, no *Jornal do Norte*, «Cotidiano e a Morte em *Ivan Ilitch*», de Tolstoi, que já exibe a preocupação com a alienação e a dimensão metafísica da realidade. Nos ensaios de crítica literária que publicou a partir de 1963, contribuiu significativamente para a compreensão e a divulgação das letras e ideias brasileiras, durante quase meio-século de atividade literária e filosófica. Desde 1966, ano da publicação de *O Mundo de Clarice Lispector*, obra pioneira sobre a autora, os seus livros e ensaios têm sido constantemente procurados para a interpretação das principais correntes, ideias estéticas e autores das modernas literaturas brasileira e europeia. No mesmo ano de 1966, organizou a *Poesia de Mário Faustino*, o primeiro de quatro volumes que dedicaria à obra do colega de juventude, morto tragicamente num desastre de avião em 1962. Repara Perrone-Moisés que a obra crítica de Benedito Nunes traça sempre grandes panoramas, mas situa-se numa linha histórica, coteja a sua obra com conceitos da crítica e analisa o texto de acordo com o seu método sistemático. Dividiu os seus esforços, de maneira geral, entre a filosofia, a teoria literária, a análise de textos de autores paraenses, autores europeus clássicos e grandes figuras da modernidade literária brasileira. Pode-se discernir as vertentes da sua produção: uma linha dedicada a estudos da filosofia, outra aplicada à crítica estética e literária e uma terceira em que as duas esferas se encontram, na teoria e na prática.

A veia filosófica começou com a *Introdução à Filosofia da Arte* (1966), livro que acompanhou a sua estreia como crítico em *O Mundo de Clarice Lispector* e como organizador de poesia, no primeiro volume da obra de Mário Faustino. Seguiram-se, no ano seguinte, o livro da série «Nossos Clássicos», antologia crítica da obra de Raymundo de Farias Brito, e uma história panorâmica da filosofia, *A Filosofia Contemporânea*. Em 1973, publicou *No Tempo do Niilismo e Outros Ensaios*, e, em 1986, *Passagem para o Poético: Filosofia e Poesia em Heidegger*. A série filosófica continuou com *A Crise do Pensamento* (1994). Juntou novamente a filosofia à poesia no volume *Hermenêutica e Poesia. O Pensamento Poético* (1999), antes de voltar a Nietzsche e Heidegger em *O Nietzsche de Heidegger* (2000), *Friedrich Nietzsche* (2000) e *Heidegger e 'Ser e Tempo'* (2002). Uma coletânea geral, *Ensaios Filosóficos* (2010), organizada por Victor Sales Pinheiro, reúne vinte e um ensaios escritos entre 1960 e 2004.

Como crítico literário, escreveu sobre Fernando Pessoa, em 1966 e 1967, antes de publicar na *Colóquio/Letras* n.º 20 (1974) o estudo pioneiro sobre poesia e filosofia na obra pessoana. Benedito Nunes foi o primeiro, como observa Leyla Perrone-Moisés, a fazer uma leitura a partir da declaração de Pessoa: «Fui um poeta impulsionado pela filosofia, e não um filósofo provido de faculdades poéticas.» Pessoa distinguiu-se, para Benedito Nunes, por ter brincado tão frequentemente, por meio de máscaras ou heterónimos, com o misticismo e o mito. A partir do fingimento («Fingir é um estratagema para se alcançar a fugidia verdade dos sentimentos»), Benedito Nunes tratou dos temas do desdobramento da pessoa em outra, da transformação do conhecimento em ilusão e ficção. São leituras, incorporadas no livro de ensaios *No Dorso do Tigre* (1969), ainda muito pertinentes para a crítica pessoana. À influente coleção de ensaios, acrescenta estudos sobre Clarice, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto. Para a Editora Vozes, Benedito Nunes antologiou e preparou a introdução crítica e a bibliografia do volume *João Cabral de Melo Neto* (1971), a quem voltaria em 2007 com *João Cabral: A Máquina do Poema*. A obra de Guimarães Rosa atrai-o pelo emprego do mito, do tempo e da invenção linguística.

Clarice Lispector esteve em Belém em 1944, onde conviveu com um círculo de literatos, deixando impressões marcantes. Ao se interessar anos depois pela obra e pela pessoa da escritora, Benedito Nunes declara, num verbo à guisa das invenções verbais do poeta Murilo Mendes: «Eu me 'claricizei'.»[18] A obra de crítica clariciana, que se inicia com *O Mundo de Clarice Lispector*, oferece um dos máximos exemplos na história da literatura do apoio que o crítico pode oferecer ao escritor. Depois de um encontro em Belém, no meio das crises metafísicas comuns à autora, Clarice telefonaria do Rio de Janeiro para Belém, desesperada, com a pergunta «será que a minha obra vale alguma

coisa?», à qual Benedito Nunes soube responder, à altura da dúvida, e com o apoio exigido. Voltou a tratar da obra da Clarice na coletânea mais representativa da sua obra crítica, *O Dorso do Tigre* (1969), e em *Leitura de Clarice Lispector* (1973), uma abordagem da obra que completou com *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector* (1989). Benedito chamou a atenção, na obra da Clarice, para o emprego da linguagem para dizer o indizível. Comenta o significado de formas neológicas da personagem Joana, em *A Maçã no Escuro*: «As palavras, que têm um poder imenso, formam o seu mundo, e também erguem um obstáculo à sua liberdade, um muro que a aprisiona e que a moça inquieta conseguiria romper à custa de palavras novas que inventasse. A existência autêntica com que sonham essas individualidades dependeria da elaboração de palavras fluentes que incorporassem o real, que fizessem do dizer um modo de ser.»[19] Em *A Paixão Segundo G. H.*, o crítico repara no papel da linguagem para expressar uma conceção do mundo que oscila entre a plenitude e o nada: «E a linguagem, abrindo-se e fechando-se sobre si mesma, num movimento em círculo, que repete sem cessar o fantasma de uma cisão originária do ser imanente que a transcendência do dizer cauciona, passa do silêncio à palavra e da palavra ao silêncio.»[20] Nos livros sobre Clarice, Benedito comenta metodicamente a sua produção ficcional. Em 1988 organizou, para a coleção Archives, a edição crítica do romance *A Paixão segundo G. H.*, com textos dos principais estudiosos sobre a autora.

Com *Oswald Canibal*, em 1979, contribuiu para o resgate da vanguarda brasileira, ao explicar o sentido da prosa cubista e das metáforas lancinantes do escritor antropófago, numa síntese que marcou a nova abordagem e o apreço da sua obra pela crítica: «Para Oswald de Andrade sobretudo, era o primitivismo, que nos capacitaria a encontrar nas descobertas e formulações artísticas do estrangeiro aquele misto de ingenuidade e de pureza, de rebeldia instintiva e de elaboração mítica, que formam o depósito psicológico e ético da cultura brasileira.»[21] Defendeu a experimentação da ala vanguardista do modernismo pela originalidade com que os modelos encontrados nas vanguardas europeias foram adaptados à realidade brasileira.

Na obra de João Guimarães Rosa, Benedito Nunes encontra a incorporação e o desenvolvimento de problemas filosóficos, seja no motivo da travessia, em que a viagem «passa a constituir... a demanda da Palavra e da Criação Poética»[22], seja no amor em *Grande Sertão: Veredas*, tratado simbolicamente, onde a simbologia amorosa se transforma, consumada em sabedoria ou convertida em divindade, recapitulando arquétipos de antigas tradições ocidentais: «acentua-se esse parentesco pelas citações da *Divina Comédia*, do Fausto, de *Platão* e dos *Upanishads*... O espírito com que Guimarães Rosa utiliza os textos citados é o do poeta que assimila e emprega a seu modo o que outros poetas viram e disseram... sugerindo a eterna presentificação de todas as coi-

sas reunidas e coletadas durante o seu périplo no sertão-mundo, que não tem princípio nem fim, é apenas uma passada de Brahma, uma imagem movente do Eterno.»[23] Nas histórias da *Tutameia*, o jogo da linguagem leva a uma expressão paradoxal, outra vertente da necessidade de dizer o indizível que Benedito Nunes encontra na obra da Clarice. No caso de Rosa, a linguagem afirma, cria fé na maneira de dizer, sem que compreendamos: «São episódios de divina e altíssima comédia, mito em que nos compreendemos sem nada compreender.»[24]

No ensaio sobre «Machado de Assis e a Filosofia»[25], peça fundamental para a compreensão da obra do escritor do ponto de vista dessa disciplina, Benedito Nunes identifica três momentos exemplares na ficção machadiana que sintetizam toda a sua filosofia: o «Delírio», capítulo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; «Humanitas», o sistema filosófico da personagem Quincas Borba; e a comparação da vida com uma ópera, de *Dom Casmurro*. Nesses momentos, segundo a síntese que fez do pensamento do autor, centra-se a ficcionalização estética do ceticismo radical recebido de Montaigne, Pascal e Schopenhauer, filtrado artisticamente por um distanciamento narrativo dirigido pelo humor.

Sobre Carlos Drummond de Andrade, publicou «Carlos Drummond: A Morte Absoluta» (1971) e «Drummond Poeta Anglo-Francês» (1973), com Jean-Michel Massa, no Suplemento Literário d'*O Estado de São Paulo*. Benedito Nunes visitou o poeta no Rio de Janeiro e, numa dessas visitas, levou alunos de Belém, porque uma das alunas queria cópia autógrafa do poema «Canto do Homem do Povo Charlie Chaplin». Ao receber o grupo, Drummond concordou, pôs-se a copiar o longuíssimo poema, que levou a tarde inteira, enquanto os outros esperavam silenciosos no apartamento da Rua Conselheiro Lafayette. Atendendo os visitantes do Norte, Drummond, acabada a redação no caderno da aluna, acompanhou os paraenses ao ponto de ônibus. É uma história-anedota que resume toda a gentileza e confirma a cordialidade de um comportamento brasileiro há muito desaparecido.

Benedito Nunes ainda recebeu outros prémios: Prémio Multicultural Estadão (1998), Prémio Ministério da Cultura FUNARTE (1999), Comenda Ordem do Cruzeiro do Sul do Ministério das Relações Exteriores (2003) e o Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra (2010). Foi distinguido com o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Pará (1998) e o título de Doutor pela mesma instituição em 2009, ano em que a Universidade da Amazónia lhe dedicou a coletânea biográfico-crítica, *Asas da Palavra*. Depois do seu falecimento, em 2011, saiu em Belém o documentário *Mora na Filosofia* para a TV Cultura do Pará e centenas de depoimentos reunidos num livro de homenagem, *O Amigo Bené: Fazedor de Rumos*, organizado por Lilia Silvestre Chaves.

Despedimo-nos na *Colóquio/Letras* desse intelectual e amigo inesquecível, pensador e estudioso ilustre, crítico exemplar que aprofundou a leitura da moderna literatura brasileira à luz da filosofia, com quem tivemos o privilégio de uma longa amizade, a evocar a simpatia de uma de suas dedicatórias:

CORAÇÃOMENTE

BIBLIOGRAFIA SELETA DE BENEDITO NUNES

O Mundo de Clarice Lispector, Manaus, Governo do Estado do Amazonas, 1966.
Poesia de Mário Faustino, org. Benedito Nunes, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
Introdução à Filosofia da Arte, São Paulo, DESA, 1966; São Paulo, Ática, 1989, 2002.
Raymundo de Farias Brito, org. Benedito Nunes, Rio de Janeiro, Agir, 1967.
A Filosofia Contemporânea, São Paulo, Ao Livro Técnico, 1967; 2.ª ed. 1991; 3.ª ed. rev. e ampliada, UFPA, 1991; 2004.
O Dorso do Tigre. Ensaios, São Paulo, Perspectiva, 1969; 2.ª ed. 1976; 3.ª ed. Editora 34, 2009.
João Cabral de Melo Neto: Nota biográfica, introdução crítica, antologia, bibliografia, Petrópolis, Editora Vozes, 1971; 2.ª ed., 1974.
Leitura de Clarice Lispector, São Paulo, Quíron, 1973.
Um Conceito de Cultura, Belém, s.n., 1973.
Poesia de Mário Faustino, Civilização Brasileira, 1966.
No Tempo do Niilismo e Outros Ensaios, São Paulo, Ática, 1973; 2.ª ed. 1993.
A Música na Literatura e no Pensamento Modernos, Belém, s.n., 1975.
Oswald Canibal, São Paulo, Perspectiva, 1979.
Passagem para o Poético. Filosofia e Poesia em Heidegger, São Paulo, Ática, 1986; 2.ª ed. 1992.
O Tempo na Narrativa, São Paulo, Ática, 1988, 2.ª ed. 1995.
O Drama da Linguagem. Uma Leitura de Clarice Lispector, São Paulo, Ática, 1989.
A Crise do Pensamento, Organização Benedito Nunes, Belém, UFPA, 1994.
Crivo de Papel, São Paulo, Ática, 1998; 3.ª ed. 1999.
Hermenêutica e Poesia. O Pensamento Poético, org. Maria José dos Campos, Belo Horizonte, UFMG, 1999.
Dois Ensaios e Duas Lembranças, Belém, Secult, UNAMA, 2000.
O Nietzsche de Heidegger, Rio de Janeiro, Pazulin, 2000.
Friedrich Nietzsche, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2000.
Heidegger e Ser e Tempo, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
Crônica de Duas Cidades: Belém e Manaus, com Milton Hatoum, Belém, Secult, 2006.
João Cabral: A Máquina do Poema, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 2007.
A Clave do Poético. Ensaios, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
Ensaios filosóficos, ed. Victor Sales Pinheiro, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2010.

NOTAS

[1] *Apud* Adriana Klautau Leite, «Benedito Nunes, o Iluminista dos Trópicos», *Brasileiros*, São Paulo, n.º 25, ago. 2009, p. 102-7.

[2] Victor Sales Pinheiro, «Benedito Nunes: 80 Anos de Vida e Filosofia Humanística», *Balaio Virtual*, 2009.

[3] Lúcio Flávio Pinto, «Benedito Nunes, o Leitor Precioso», *Gramsci e o Brasil*, mar. 2011.

[4] *Apud* Adriana Klautau Leite, *ob. cit.*

[5] Renato Lessa e Sheila Kaplan, «Amazônico e Universal», *Ciência Hoje* , n.º 288, 2011.

[6] Tatiana Ferreira, «Livro de Benedito Nunes é relançado pela Edufpa», *Beira do Rio*, Edição 27, UFPA, 2005.

[7] *Apud* Adriana Klautau Leite, *ob. cit.*

[8] Benedito Nunes, «Meu Caminho na Crítica», *in* Victor Sales Pinheiro (org.), *A Clave do Poético*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 23.

[9] Idem, *ibid.*, p. 23-42.

[10] *Ibid.*, p. 27.

[11] *Ibid.*, p. 29.

[12] Victor Sales Pinheiro, «A Formação de Benedito Nunes», *Asas da Palavra*, vol. 12, n.º 15, 2009, p. 25-50. Grande repositório de fontes e relação da vida e formação intelectual de Benedito Nunes, por meio de entrevistas e convívio, um texto fundamental para dados aproveitados neste ensaio.

[13] Leyla Perrone-Moisés, «Prefácio», *in* Victor Sales Pinheiro (org.), *A Clave do Poético*, ed. cit., p. 15-8.

[14] Cf. nota 3.

[15] «O Roteiro dos Livros de Um Sábio Paraense», entrevista ao jornalista Lúcio Flávio Pinto, *A Província do Pará*, 2.º caderno, 26-V-91.

[16] *Apud* Adriana Klautau Leite, *ob. cit.*

[17] *Intérpretes do Brasil*, coord., sel. e pref. Silviano Santiago, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 3 vols., 2000.

[18] *Apud* Adriana Klautau Leite, *ob. cit.* Cf. «Dona Clarice», *Dois Ensaios e Duas Lembranças*, Secult, UNAMA, 2000, p. 43-5.

[19] *O Drama da Linguagem. Uma Leitura de Clarice Lispector*, São Paulo, Ática, 1989, p. 112.

[20] *Ibid.*, p. 134.

[21] *Oswald Canibal*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 25-6.

[22] «A Viagem», *O Dorso do Tigre*, 3.ª ed., São Paulo, Editora 34, 2009, p. 172.

[23] «A Viagem do Grivo», *ibid.*, p. 182, 187.

[24] «Tutameia», *ibid.*, p. 201.

[25] *Travessia*, vol. 2, n.º 19, 1989, p. 7-23, reprod. in *No Tempo do Niilismo e Outros Ensaios*, São Paulo, Ática, 1993, p. 129-44.

N O V A C A P

COMPANHIA URBANIZADORA NOVA CAPITAL DO BRASIL

1 PRAÇA DOS TRÊS PODERES
2 ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS
3 CATEDRAL
4 SETOR CULTURAL
5 CENTRO DE DIVERSÕES
6 SETOR DE BANCOS E ESCRITÓRIOS
7 SETOR COMERCIAL
8 HOTÉIS
9 TORRE EMISSORA RÁDIO E TV
10 SETOR ESPORTIVO
11 PRAÇA MUNICIPAL
12 QUARTÉIS
13 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
14 ARMAZENAGEM E ABASTECIMENTO
15 CIDADE UNIVERSITÁRIA
16 EMBAIXADAS E LEGAÇÕES
17 SETOR RESIDENCIAL
18 HABITAÇÕES INDIVIDUAIS GEMINADAS
19 BOFER-HABITAÇÕES GEMINADAS
20 JARDIM BOTÂNICO
21 JARDIM ZOOLÓGICO
22 ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
23 YATCH CLUB
24 PALÁCIO RESIDENCIAL
25 HOTEL DE TURISMO
26 ÁREA DESTINADA A FEIRAS, CIRCOS, ETC.
27 SOCIEDADE HÍPICA
28 CEMITÉRIO
29 AEROPORTO
30 CLUB DE GOLF
31 SETOR HABITAÇÃO INDIVIDUAL SUL
32 SETOR INDÚSTRIAS GRÁFICAS
33 SETOR HABITAÇÃO INDIVIDUAL NORTE
34 MANSÕES SUBURBANAS "PARK WAY"
35 OBSERVATÓRIO NACIONAL
36 SETOR INDÚSTRIA E ABASTECIMENTO

ESCOLA NORMAL
CONJUNTO RESIDENCIAL (IAPETC, PEDUB, CIAER)

HOSPITAL DISTRITAL